
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

# O DESENCANTAMENTO DO MUNDO E O DESTINO DA RELIGIÃO EM WEBER, ADORNO E HORKHEIMER*

Sérgio Sezino Douets Vasconcelos (UNICAP)**
Hélio Pereira Lima (UNICAP)***

**Resumo**

O propósito deste trabalho é discutir a relação de afinidade nos pensamentos de Weber, Adorno e Horkheimer, com relação ao desencantamento do mundo. Em vista desse objetivo, o percurso da investigação tomará como pedra de toque a questão da racionalização ocidental para demonstrar que, mesmo percorrendo caminhos distintos para apreender os pressupostos teóricos do mundo moderno, a conclusão de ambos sobre os destinos dessa sociedade resguarda assimetria, sobretudo no que diz respeito às consequências do processo de racionalização para a religião. Julgamos que a tematização dessa afinidade é importante porque pode ajudar na compreensão do problema da secularização e da crise de sentido na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Racionalização, Modernidade e Identidade e Religião.

## Introdução

As contribuições de Max Weber, Theodor Adorno e Max Horkheimer são indispensáveis para se compreender a formação cultural das sociedades atuais, não apenas pela originalidade das suas análises em relação às mudanças nas estruturas política, econômica e cultural do Ocidente moderno, mas, sobretudo, porque franqueiam uma chave de leitura da modernidade não tributária da perspectiva idealista, da qual subjaz a ideia de progresso e, junto com ela, a de emancipação do homem em relação ao suposto domínio da irracionalidade da religião. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é tentar identificar a afinidade metodológica nas

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE.

** Professor dos Programas de Pós-graduação em Ciências da Religião, mestrado e doutorado, e Teologia, mestrado, da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. E-mail: douets@unicap.br

*** Doutorando em Ciências da Religião, na UNICAP; Mestre em Filosofia e professor de Filosofia da UNICAP. Orientador Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos. E-mail: hlima@unicap.br

análises que eles fizeram do processo de racionalização ocidental e suas consequências para a religião.

Weber, mediante o conceito de desencantamento do mundo, e Adorno e Horkheimer, a partir da identificação do esclarecimento com o mito, veem a racionalização ocidental como um processo vertiginoso em direção a um destino inescapável de completa perda de sentido para a existência humana, pois os conteúdos valorativos da tradição, que conferiam inteligibilidade e sentido ao mundo e que eram de natureza metafísico-religiosa[1], foram substituídos pelas estruturas formais da racionalidade lógico-matemática, que circunscrevem justificação e plausibilidade no âmbito mesmo da ciência e da técnica modernas.

Nessa perspectiva, pretende-se analisar até que ponto o avanço da racionalidade formal – técnico-científica – representou mais que uma ruptura com a razão substancial, que se expressava por meio dos conteúdos normativos da religião, esta que, por sua vez, legitimava o *ethos* Ocidental, ao mesmo tempo que conferia unidade de sentido à existência humana.

Assim, para efeito de maior clareza no percurso da exposição da temática, o trabalho está estruturado em dois momentos. No primeiro, vai-se discorrer sobre o desencantamento do mundo, em Max Weber, para tentar mostrar como esse processo resultou na perda dos referenciais simbólicos de sentido, constitutivos da civilização ocidental, ao mesmo tempo que o progresso da racionalidade técnico-científica, na sua crua imanência, fez dos bens materiais valor supremo, em prejuízo da precedência dos valores comunitários e fraternos. No segundo momento, a partir das contribuições de Adorno e Horkheimer, o processo de racionalização ocidental será analisado como um movimento dialético que

[1] Se a gênese histórica da civilização moderna pode ser estudada sob vários ângulos, Lima Vaz escreve que "Um desses ângulos, sem dúvida um ângulo privilegiado, é aquele que considera a modernidade nas suas relações com a religião, pois este parece ser o primeiro ciclo civilizatório na história que se estrutura quase programaticamente como civilização não-religiosa". (1988, p. 46). Ver também Lima Vaz, (2015, p. 54)

visa a alcançar o pleno "esclarecimento"; porém, o destino das "luzes" foi ser absorvida pelo encanto a si mesma e regressar ao mito.

## Weber e o desencantamento do mundo

As análises sobre a sociedade ocidental moderna, de um modo geral, sempre veem a época do Iluminismo como aquele marco histórico no qual as novas forças econômico-sociais jogaram fora o jugo da dominação do *ancien régime*. A Igreja e a monarquia, representantes mais conspícuos dessa dominação, vão sendo exoneradas da possibilidade de demarcarem, institucionalmente, o novo quadro simbólico-normativo da nova sociedade. Por conseguinte, com a mudança do marco institucional, um "projeto de modernidade"[2] vai se sedimentando como configuração histórica atual e outros mecanismos de legitimação social tornam-se evidentes, à medida que substituem, progressivamente, aqueles de caráter metafísico-religioso que conferiam a unidade de sentido ao Ocidente.

Essa nova configuração social, nada mais é do que o resultado de um longo processo histórico, denominado por Weber de racionalização[3]. Esse processo de racionalização objetiva-se por meio da expansão progressiva, para o conjunto da sociedade, de um modelo de racionalidade: racionalidade com relação a fins, na acepção weberiana. Nesse sentido, a racionalização ocidental pode ser definida como:

> Aquele grande processo histórico-religioso da eliminação da magia do mundo, que começara com os velhos profetas hebreus e conjuntamente com o pensamento científico helenístico, [que] repudiou todos meios mágicos de salvação

[2] Esse conceito é de Habermas (1992, p. 110). Para ele, "[...] o projeto da modernidade, formulado no século XVIII pelos filósofos do Iluminismo, consiste em desenvolver imperturbavelmente, em suas respectivas especificidades, as ciências objetivantes, os fundamentos universalistas da moral e do direito e a arte autônoma, mas ao mesmo tempo consiste também em liberar os potenciais cognitivos assim acumulados de suas elevadas formas esotéricas, aproveitando-os para a prática, ou seja, para uma configuração racional das relações de vida".

[3] O termo "'racionalismo' pode significar coisas bem diferentes" (WEBER, 1974, p. 337). Sobre a plurivocidade desse conceito, ver Colliot-Thélène (1995, p. 79).

> como superstição e pecado, chega aqui à sua consumação (WEBER, 1997, p. 72).

Como se pode inferir da afirmação acima, os conceitos de "racionalização" e de "desencantamento do mundo" são indispensáveis para uma clara compreensão das análises de Weber sobre a da sociedade ocidental moderna, ao mesmo tempo que ocupam o centro das suas análises sobre a religião, em função do sentido análogo que abrigam com relação às representações de mundo que informam *ethos* moderno.

Para Weber, a razão substancial[4], que se expressava nas imagens religioso-metafísicas do mundo, cindiu-se em unidades autônomas, tornando-se concreta para poder operar no domínio do calculável. Em virtude de as imagens do mundo estarem fragmentadas, seus problemas internos de justificação ficam cindidos entre pontos de vista específicos da verdade, da justeza normativa, da autenticidade ou do belo, e serão ajuizadas como questão de conhecimento, de justiça e de gosto, respectivamente.

O processo de racionalização, à medida que absorve as esferas da cultura e da sociedade, é ominoso. Sua objetivação pode ser vista através da autonomização das ciências empíricas, da arte, da moral e do direito, que se autofundamentam por leis que lhes são próprias. Mas não só. Ele penetra também nas motivações valorativas das pessoas e nos sistemas centrais de ação que fixam a estrutura da sociedade e dão origem à modernização da sociedade como um processo que faz surgir a empresa capitalista e o Estado moderno. Agora, livre do peso das significações impostas pela tradição, a busca de sentido se desloca da esfera da transcendência religiosa para o sentido que é inerente à ação intramundana. Nas palavras de Weber: "De um ponto de vista puramente

[4] Por razão substancial se entende a razão que se expressava nas imagens do mundo religioso-metafísicas, a qual se divide, segundo Weber, em três momentos distintos, cuja unidade só pode ser mantida formalmente (HABERMAS, 1992, p. 110).

ético, o mundo deve parecer fragmentário e sem valor sempre que julgado a luz do postulado religioso de um 'significado' divino da existência" (WEBER,1974, p 408).

O que se pode deduzir dessa afirmação de Weber é que o processo de racionalização do mundo ocidental, cujo ponto de partida estava na necessidade de as religiões monoteístas substituírem a coação mágica pela relação de submissão e compromisso ético-religioso com a divindade, favoreceu, à guisa de um efeito colateral, o avanço da secularização e o aumento desmesurado da precedência dos bens materiais sobre os valores de fraternidade. Efeito que desencadeou uma erosão progressiva no sentido da existência, corroborada pela diversidade e pluralidade[5] de fontes de significado (WEBER 1974, p. 379-380).

## Adorno e Horkheimer: mito e religião

A tese central da *Dialética do Esclarecimento* é que "o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 15). O próprio título da obra faz um jogo com o termo esclarecimento e o remete à ideia de luz, "Iluminismo", no sentido hegeliano de "sol nascente", de um "novo tempo". Ao mesmo tempo, subjaz a ideia da saída das trevas da ignorância para a luz do conhecimento, que em Kant (1995, p. 11) significa "a conquista da maioridade", da autonomia para que as decisões sejam tomadas sem o recurso à tutela externa da autoridade: *Sapere aude!* No entanto, para Adorno e Horkheimer, a razão esclarecida traz consigo o germe de sua própria negação, ou seja, o outro que foi negado: o mito, a irracionalidade e, por fim, a reificação.

[5] Berger e Luckmann (2012, p. 63) dirão que "O pluralismo moderno minou o monopólio das instituições religiosas".

Para Adorno e Horkheimer, o Esclarecimento é também o resultado de um longo processo mediante o qual o sujeito empreendeu uma odisseia para se libertar do encantamento das potências míticas, das quais ele era prisioneiro desde as origens. Por conseguinte, a história da subjetividade deve ser contada ou cantada, como nos versos de Homero, como uma fuga em face da violência das potências míticas na direção à pátria sonhada. No entanto, o percurso, que estava aparentemente delineado, revelou-se como um labirinto do qual a subjetividade deve lutar para poder escapar das teias dos encantamentos. O único recurso que lhe resta é o artifício da astúcia, única arma que lhe pode assegurar a constituição da própria identidade, sob pena de ficar prisioneira do encanto e da irracionalidade do mito.

Como a libertação, no entanto, não se deu de forma plena, e os deuses sempre irão reivindicar os seus direitos, o indivíduo é como que constantemente compungido a regressar às origens, de onde retorna mediante o sacrifício simbólico que o resgata da maldição imposta pelo mito, em virtude de ele ter empreendido sua própria fuga. Essa pseudorrealização da libertação representa, para Adorno e Horkheimer, a prova de que o Iluminismo permanece refém da potência mítica, o que comprova, por um lado, a sua recaída na mitologia e, por outro, que ele não atingiu plenamente a sua realização: "O esclarecimento fica cada vez mais enredado, a cada passo que dá, na mitologia. Todo conteúdo, ele recebe dos mitos, para destruí-los, e ao julgá-los ele cai na órbita do mito" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 26). O poder da palavra que conjurava as forças da natureza e o livrava do encantamento, volta-se contra aquele que a pronuncia, pois exige o cumprimento rigoroso da fórmula mágica e o torna prisioneiro do seu próprio feitiço.

A *Dialética do Esclarecimento*, portanto, remete as fontes do Iluminismo às origens do processo histórico-universal. O desencantamento do mundo moderno como resultado do processo de racionalização, que abarca todas as esferas da sociedade, só aparentemente está realizado. A

emancipação do mundo moderno recai sobre ele mesmo como uma ilusão. O controle racional da natureza exterior, inerente ao processo de desenvolvimento das forças produtivas, impõe-se, apenas, pela necessidade de autopreservação.

Para Adorno e Horkheimer, o Iluminismo saiu derrotado na sua luta contra as forças primitivas do destino, pois o processo de desmitologização traz, em seu seio, a diferenciação de conceitos fundamentais. O mito ainda reserva para si a homogeneidade entre conceito e realidade. A identidade entre a palavra e o objeto é gerada pela própria força integradora do mito, expressa na linguagem.

É sob o conceito de razão instrumental que Adorno e Horkheimer afirmam a usurpação da razão pelo entendimento calculador, à medida que este restringe a diferença entre validade e poder e, ainda, subtrai a diferenciação de conceitos fundamentais que a compreensão moderna do mundo julgava ter conquistado quando da pretensa superação definitiva do mito. A razão, enquanto razão instrumental, assimilou-se ao poder, renunciando, desta forma, à sua força crítica. Com isso, o processo de racionalização se expressa na sua face mais dura, no qual não restará ao ser humano senão a submissão, sem consolo, às forças impessoais do mercado (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.52).

## À guisa de conclusão: Weber, Adorno e Horkheimer e a religião na sociedade contemporânea.

O veredicto de Adorno e Horkheimer, sobre a condição do indivíduo na sociedade moderna, não é muito diferente do que o de Weber. Decerto, é até mais radical, pois Weber se esforça para estabelecer uma constatação 'neutra' e 'objetiva'" da modernidade (LÖWY, 2014, p. 119). Para eles, ao contrário, o processo de racionalização chegou ao seu termo e resultou num tipo de razão que a tudo transforma em mercadoria e reifica a própria

existência, sobretudo porque a luta do sujeito para conquistar sua independência em relação à natureza e deixar de ser submisso aos deuses – naquele ímpeto de se tornar o senhor do seu próprio destino que o impulsionou a enfrentar todos os desafios em vista de construir um mundo no qual o sentido da sua existência fosse o resultado das suas próprias escolhas – revelou-se um retumbante fracasso. O que se descortina como realidade é que o programa do esclarecimento, que deveria conduzir da obscuridade à plenitude da luz, resultou em barbárie. A razão calculadora não apenas destruiu os mitos, os deuses e a religião. As próprias qualidades humanas caíram sob o encanto da razão instrumental.

Como se vê, em Weber, Adorno e Horkheimer, o processo de racionalização ocidental conduziu a uma forma de vida na qual o homem trava uma luta não mais para controlar as forças da natureza ou exorcizar os deuses e demônios primitivos, mas para debelar a angústia de uma existência carente de sentido.

O que a ética do dever iniciou com o propósito de estabelecer um comportamento no mundo orientado a partir de uma teodiceia, ou seja, de um sentido cuja preocupação residia na própria salvação do puritano, a lógica da economia capitalista fez com que esse mesmo comportamento fosse absorvido pelos mecanismos internos ao sistema, só que agora destituído de sentido. Sob esses aspectos, tanto em relação a Weber quanto a Adorno e Horkheimer poderia ser afirmado que o processo de racionalização atingiu plenamente a sua meta: o mundo foi desencantado; o reino do sem sentido foi inaugurado; a religião deixou de ser a expressão da unidade de sentido da existência e nenhuma outra configuração simbólica de sentido ocupou o seu lugar.

## Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido**. A orientação do homem moderno. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. **Max Weber e a história**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

HABERMAS, Jürgen. Modernidade - um projeto inacabado. In: ARANTES, Otília; ARANTES, Paulo. **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas**. São Paulo: Brasiliense, 1992. p 99-123.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é o Iluminismo? In: **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 1995. p. 11-19.

LÖWY, Michael. **A jaula de aço**: Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Boitempo, 2014.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Experiência mística e filosofia na tradição ocidental**. 3. ed., São Paulo: Loyola, 2015.

_____ Religião e sociedade nos últimos vinte anos (1965-1985). **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 15, n. 42, p. 27-47, jan./abr. 1988.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 12. ed. São Paulo: Pioneira Editora, 1997.

_____. A psicologia das religiões mundiais. In: GERTH, H. H; MILLS, C. Wright. (Org.). **Ensaios de sociologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. p. 309-346.

_____. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: GERTH, H. H; MILLS, C. Wright. (Org.). **Ensaios de sociologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. p. 371-410.